



AZDIFERENTONAS!

experiências contemporâneas do Teatro Legislativo¹

GABRIELA SERPA CHIARI

Atriz, multiplicadora de Teatro do Oprimido e Mestre em Teatro pela UNIRIO. Doutoranda em Artes na Linha de Pesquisa Artes da Cena pela UFMG (Conceito CAPES 6), com a pesquisa Teatro do Oprimido: o Corpo como Veículo de Emancipação; com orientação da Profa. Dra. Maria Beatriz Mendonça (Bya Braga) e co-orientação do Prof. Dr. Noeli Turle da Silva (Licko Turle). Coordenadora do Grupo AzDiferentonas!, na Câmara Municipal de Belo Horizonte.

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

O presente texto é um relato da experiência desenvolvida pelo Grupo De Teatro "*Az Diferentonas!*" junto à equipe do mandato aberto das Vereadoras Cida Falabella e Áurea Carolina do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) em Belo Horizonte. O grupo desenvolve práticas de Teatro Legislativo, além de realizar performances relacionadas às ações do mandato e da formação de grupos de multiplicadores em Teatro do Oprimido na cidade, através do Projeto, "TO na Cidade!".

PALAVRAS-CHAVE

Teatro Legislativo.

Gabinetona.

Estética.

Política.

ABSTRACT

The present work is a report based on the experience underwent by the theatre group "Az Diferentonas!" which worked with the group of city councilors in Belo Horizonte Cida Falabella and Áurea Carolina from PSOL political party, using technology and resources of open mandate. Besides the developing of performances of Legislative Theatre, the group presented their mandate actions and acting in formation of multipliers of Theater of Oppressed in the city through the project "TO na Cidade!".

KEYWORDS

Legislative Theatre.

Gabinetona.

Aesthetics.

Politics.



O grupo *AzDiferentonas!* nasce do desejo e da pro-

posta ousada da vereadora Cida Falabella² (PSOL/ MG), com larga experiência em teatro, que foi abraçada pela vereadora Áurea Carolina (PSOL/MG), de terem, em seus mandatos, o Teatro Legislativo (BOAL, 1996) como forma de participação e mobilização popular. Em outubro de 2016, Cida e Áurea foram eleitas vereadoras pelo PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), junto à “Movimentação Muitas pela Cidade que Queremos”, em uma campanha coletiva, aberta e que se propunha a construir outras formas de fazer política. A esse mandato coletivo, democrático e popular deu-se o nome de “Gabinetona”. O grupo *AzDiferentonas!* é formado por um coletivo de artistas que integram a equipe de mobilização do mandato. Trata-se, ainda, do elo poético do mandato coletivo das vereadoras com a cidade de Belo Horizonte.

Uma das propostas da Gabinetona foi resgatar a ligação da arte com a política de forma definitiva e integrada às ações legislativas. Para isso, a equipe do mandato propôs o resgate da prática do “Teatro Legislativo” (TL), desenvolvido por Augusto Boal durante o seu mandato Político Teatral na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, quando foi vereador pelo Partido dos Trabalhadores, PT, entre os anos de 1993 e 1996. Nesta ocasião, Boal levou um grupo de teatro para atuar em sua assessoria parlamentar, cuja composição se dava pelos curingas³, ou seja, arte-educadores do Centro de Teatro do Oprimido (CTO-RJ)⁴. Em seu mandato, o teatro foi utilizado como instância mediadora entre o cidadão e o parlamentar, potencializando as discussões de interesse comum. Tinha, assim, o Teatro do Oprimido como ferramenta de ligação, participação e atuação popular efetiva junto à atuação parlamentar.

O gabinete de Boal era dividido em dois setores: o político, formado por advogados especialistas, secretários e assessores parlamentares que, então, constituíam o “gabinete interno” e o segundo setor, o artístico, onde os curingas atuavam, o “gabinete externo” (TURLE, 2017). Neste espaço, atuavam ao todo vinte e cinco profissionais entre atores, cenógrafos, figurinistas, bailarinos, músicos e pintores que, então, dividiam-se em grupos de cinco pessoas, coordenadas por um curinga do CTO-RJ. Eles atuavam em vários núcleos de Teatro Legislativo formados pela equipe e que estavam espalhados pela cidade do Rio de Janeiro, onde eram promovidas oficinas, espetáculos de Teatro-Fórum, comícios festivos, festivais, encontros entre os núcleos, entre outras ações.

2 Maria Aparecida Vilhena Falabella Rocha, é atriz, diretora teatral e ativista do movimento artístico e cultural na cidade de Belo Horizonte. Formada em História e mestre em Artes pela UFMG. Em 2011 criou a Cia ZAP 18 (Zona de Arte Periférica). Foi eleita vereadora em 2016, pelo PSOL. https://pt.wikipedia.org/wiki/Cida_Falabella. Acesso em 20/09/2018.

3 Artista ativista em constante processo de aprendizado sobre a teoria e a prática de Teatro do Oprimido. (SANTOS, 2016, p.422)

4 Criado em 1986, é um centro de pesquisa e difusão, que desenvolve metodologia específica do Teatro do Oprimido em laboratórios e seminários, ambos de caráter permanente, para revisão, experimentação, análise e sistematização de exercícios, jogos e técnicas teatrais. <http://www.ctorio.org.br>. Acesso em 19/09/2018.



O objetivo principal desse trabalho era trazer à tona a discussão aberta sobre os problemas das comunidades, se valendo, para isso, das técnicas do Teatro do Oprimido, especialmente o Teatro-Fórum⁵, cuja técnica se dá, principalmente, pela participação do que Boal denominou por *espect-atores*⁶, que pudessem participar efetivamente dos debates públicos e, assim, suas intervenções cênicas pudessem ser transformadas em proposições políticas no âmbito legislativo. Com a participação da equipe jurídica do gabinete, as propostas sugeridas pela população durante a realização das cenas de Teatro-Fórum eram transformadas em ações políticas-parlamentares no formato de projetos de lei e/ou emendas parlamentares apresentadas pelo mandato, posteriormente, levados à votação na Câmara dos Vereadores. A equipe do mandato prestava, ainda, orientação jurídica para os casos em que já houvesse legislação sobre o assunto abordado pelo público ou pelos integrantes dos dezenove núcleos de TL que foram formados até o final do mandato. Ao todo, treze leis foram elaboradas e aprovadas durante a legislatura de Boal junto à câmara dos vereadores e todas, por consequência, foram oriundas da participação popular tendo como ferramenta o Teatro do Oprimido e, mais especificamente, o Teatro Legislativo.

Vinte anos após essa experiência, em Belo Horizonte, em uma nova conjuntura política a que está submetido o país, sobretudo por ocasião dos anos recentes que sucedem o golpe político e midiático que levou ao impeachment da presidenta Dilma Roussef, a prática do mandato de Boal é retomada em um mandato legislativo, a partir dos anseios e desejos da “vereatriz” Cida Falabella, que muito antes de vereadora, já desenvolvia o teatro como atriz, diretora e ativista da arte na periferia de Belo Horizonte, ao se valer do teatro como prática de afirmação democrática, em que se busca restaurar o já mencionado elo entre política e arte, política e teatro, política e estética.

Para implementar o Teatro Legislativo no mandato, foi realizada uma “Chamada Pública”⁷, aberta à cidade para os interessados que praticassem o Teatro do Oprimido que se disponibilizassem a promover essa ação. A chamada oferecia seis vagas para diferentes funções na Gabinetona, quais sejam: motorista, advogado, profissional de comunicação, e “Facilitador(a) de Teatro Legislativo” (GABINETONA, 2017, [s.p.]). Esta vaga, de acordo com a chamada, teria duração de um ano. Seu objetivo era que o/a profissional selecionado treinasse o “Núcleo de Mobilização Social e Educação Popular da Gabinetona” (GABINETONA, 2017, [s.p.]), durante esse período.

5 Trata-se de uma técnica do Teatro do Oprimido, em que se apresenta uma peça que ressalta falhas nos sistemas políticos e sociais. Aqui há uma interação com os *espect-atores*, que são levados a um debate em busca de respostas para o problema apresentado. A respeito dessa técnica, sugere-se consultar material disponível em: <<https://institutoaugustoboal.org/tag/teatro-forum/>>. Acesso em 15/09/2018.

6 Em *Jogos para atores e não atores*, Boal, no capítulo denominado “Propostas preliminares”, datadas de 1998, explica o termo aqui utilizado em que afirma: “O Teatro do Oprimido é o teatro no sentido mais arcaico do termo. Todos os seres humanos são atores – porque atuam – e espectadores – porque observam. Somos todos ‘espect-atores’” (BOAL, 2015, p. 13). Trata-se, portanto, de um termo que procura dar conta da perspectiva pela qual Boal pensava o teatro entre o encontro do ator, o agente da ação, em relação aos espectadores, os que recebem a ação.





Para desenvolver esse trabalho, 188 pessoas se candidataram à vaga. O pré-requisito era que o candidato tivesse conhecimentos básicos sobre o Teatro do Oprimido e que pudesse “fomentar em grupos e/ou comunidades processos de construção ativa e participativa de legislações de seu interesse, em consonância com os princípios de atuação dos mandatos coletivos e abertos das vereadoras” (GABINETONA, 2017, [s.p.]). Com o estímulo da minha orientadora de doutorado, Bya Braga, me candidatei à vaga. A partir de currículo, carta de intenção e proposta de ação, além de vivência prática de Teatro do Oprimido e entrevista, fui selecionada para assumir essa função. O objetivo inicial da chamada pública, que era o de realizar a formação em Teatro do Oprimido junto ao Núcleo de Mobilizadores e Educadores Populares da Gabinetona, acabou por possibilitar um encontro que aliou o Teatro do Oprimido com diversas outras habilidades cênicas e artísticas do Núcleo. Alguns dos Mobilizadores são artistas, performers, dançarinos, e, acima de tudo, ativistas que desenvolvem aliados aos seus trabalhos artísticos, lutas em diversas frentes como, por exemplo, os direitos LGBTQTS, representatividade da Negritude, direitos humanos, população indígena, direito à moradia e ocupações urbanas, direito das mulheres, entre várias outras.

Com o encontro de vários artistas que integravam o Núcleo de Mobilizadores, houve, dinamicamente, uma mudança de rumos da proposta que intencionava a chamada pública: com o núcleo formado, as perspectivas de trabalho se ressignificaram. O mobilizadores e artistas, levando em conta a minha entrada e a função que eu iria desempenhar, se juntaram e, via debate das ações a serem realizadas, optaram por criar o grupo teatral da Gabinetona⁸, assim como no gabinete de Boal. Esse processo se deu por uma demanda de todos nós, como integrantes da gestão coletiva, de unificar, via artes, os núcleos de atuação ligadas diretamente às lutas que sustentam os pilares ideológicos do mandato. Desse modo, em novembro de 2017, fundamos o grupo *AZDiferentonas!* que, em sua formação, tem os seguintes integrantes: Cristal Lopes, Ed Marte e Gilmara Souza, atuando como multiplicadores e Evandro Nunes⁹ e eu, Gabriela Serpa Chiari, que, além de multiplicadores, assumimos também a tarefa de coordenadores do grupo.

A forma de atuação do Grupo está sendo construída coletivamente e tem três linhas principais:

- 1 | Formação de núcleos de multiplicadores de Teatro do Oprimido na cidade, com o projeto “TO na Cidade!



7 O documento, intitulado “CHAMADA PÚBLICA Seleção de pessoas para compor a Gabinetona, a equipe parlamentar do mandato coletivo das vereadoras Áurea Carolina e Cida Falabella”, pode ser conferido, na íntegra em: <<https://drive.google.com/file/d/0B69612xmec2a0-GJncUFFS2s1aE0/view>>. Acesso em 16/09/2018.

8 Posuo formação prática e acadêmica no campo do TO. Sou multiplicadora do método há 18 anos, desde o ingresso na graduação em Artes Cênicas na UFMG, em 1999. Minha pesquisa de Doutorado está relacionada ao Teatro do Oprimido, com orientação de Bya Braga que trabalha diretamente com práticas teatrais performativas e coorientação de Noeli Turle da Silva, que possui vasta experiência no campo do Teatro do Oprimido.

9 Evandro Nunes é ator, poeta, diretor em teatro, educador social, pedagogo, brincador, pesquisador da cultura negra, da arte e de suas contribuições para o processo de ensino aprendizagem. Atualmente, cursa Mestrado em Educação pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).



- 2 | Mobilização através de intervenções artísticas pela cidade e da distribuição do informativo do Mandato; “Política com Afeto”; e
- 3 | Atuações Performáticas sobre temas relevantes ao mandato através da comunicação estética estabelecida pelo grupo.



Neste texto, pretendo, portanto, compartilhar com um pouco mais de detalhamento as principais ações das *AzDiferentonas!*, desenvolvidas até agosto do ano de 2018. Pretendo elucidar a nossa forma de atuação por meio do Teatro Legislativo na Gabinetona, apresentando, então, as intervenções cênicas, a formação de núcleos de multiplicadores e, especialmente, as nossas bases de trabalho, quais sejam: a ética, a solidariedade e a estética como principal forma de comunicação e mobilização política¹⁰.

Em nossas práticas entendemos que a ética é a busca e a reflexão sobre qual deve ser o melhor modo de se viver e de conviver em sociedades humanas, de forma que promova o que entendemos, de maneira coletiva, como justiça e felicidade para todas e todos. Nesse ínterim, o Teatro do Oprimido nos serve como principal metodologia de trabalho, uma vez que há, nas práticas desenvolvidas por Boal, o objetivo de visualizar e analisar comportamentos da moral vigente, muitas vezes, repleta de preconceitos, discriminações, explorações e injustiças (SANTOS, 2016). Para tanto, nos valem, no grupo, do diálogo em busca de alternativas éticas que nos possibilitem o melhor que podemos desejar e praticar para nós e para outros, como cidadãos. Ou seja, buscamos “desnaturalizar” a realidade para, então, transformá-la via procedimentos estéticos. O trabalho se dá a partir do estímulo à expressividade e à criatividade dos praticantes de Teatro do Oprimido e das artistas das *AzDiferentonas!*, em ambientes que estimulem e promovam, conseqüentemente, o debate com a finalidade de buscar formas de sanar os problemas trazidos pelas comunidades onde atuamos que, por si, trazem também suas possíveis soluções a esses problemas.

Em convergência com o Teatro do Oprimido, a “solidariedade” está relacionada à articulação de lutas diversas e estratégicas entre grupos de oprimidas e oprimidos, de modo que contribuir com a luta do outro signifique construir a própria luta (SANTOS, 2016). Tanto no mandato coletivo, como entre os artistas do Grupo e, ainda, em conjunto com os multiplicadores, entendemos e buscamos praticar a relação horizontal entre sujeitos, todos detentores de saber, de capacidade

¹⁰ Outros resultados descritivos, analíticos e críticos destas ações em andamento estão sendo elaborados para uma devida divulgação em minha tese de doutoramento no campo das Artes da cena na UFMG.



CAD.
GIPE
CIT

Salvador
ano 22
n 40
p 141-154
2018.1

e de direito à expressão. Assim, o trabalho desenvolvido pelas *AzDiferentonas!* está diretamente ligado ao propósito da Gabinetona de ser, de fato, um mandato coletivo, democrático, aberto e pautado em relações de colaboração e, acima de tudo, horizontais.

A estética, ponto que prezamos como fator de extrema importância para cessar as relações de opressão, passa então a ser entendida no grupo como comunicação sensorial. Para nós, seguindo os princípios do Teatro do Oprimido, os sentidos e a sensibilidade são ferramentas potentes na mobilização política, esta que, apesar das diversas possibilidades de ser feita, é realizada pelo uso da palavra de maneira exaustiva, repetitiva, com discursos vazios e sem eficiência na comunicação. Os principais canais estéticos são a palavra, o som e a imagem (BOAL, 2009) e o poder que eles apresentam nas mobilizações políticas não deve ser polarizado, mas somados em busca de um êxito nas lutas contra as opressões.



1
4
7



FIGURA 1 Afete-se!
Parque Municipal
Américo Renné
Giannetti, julho de
2017. Foto: Equipe
de Comunicação da
Gabinetona. (Na foto, da
esquerda para a direita:
Gabriela Chiari, Ed
Marte, Evandro Nunes
e Joyce Garófalo).



Por outro lado, esses elementos são objetos de disputas constantes, sobretudo para manipulação da população. Portanto, em concordância com o Teatro do Oprimido, acreditamos que todos têm capacidade e direito de produzir uma estética própria e que o/a represente. Assim, tomamos, como norteador das nossas atividades, a estética como forma elementar de produzir e de perceber a arte e, por desdobramento, ações políticas de interesse comunitário. Assim, o trabalho das *AZDiferentonas!* é potencializar essa relação do sujeito com esses temas através da estética e, então, que ele possa em seguida atuar e incidir sobre a cidade percebendo que a arte e a estética são elementos de libertação!

Nossa primeira intervenção estética como grupo foi um “pedido de casamento” para a cidade de Belo Horizonte. As noivas não vestiam branco. Eram cobertas de cores. Não eram apenas mulheres. O buquê era de pimentas. Buscamos o diálogo constante, aberto e democrático onde todos possam se sentir incluídos nesse matrimônio. Todos. A intervenção aconteceu em um parque municipal, na ocasião da Prestação de Contas do Mandato com a Cidade. A ela demos o nome de “*Afete-se!*”.

Em seguida, realizamos a primeira experiência com o Teatro-Fórum criada pelo grupo. *Até Quando?* foi uma intervenção construída para o *Seminário Segurança Pública e Cidadã*, realizado pela “Comissão Especial de Estudos do Genocídio da Juventude Negra”, cuja organização foi da Gabinetona dentro da Câmara Municipal de BH. Este evento teve como objetivo discutir alternativas para transformar a realidade de extermínio da população jovem e negra das grandes cidades.

O espetáculo foi realizado no dia 29 de setembro de 2017. Estavam presentes jovens moradores das periferias de BH, a Guarda Municipal, vereadores, grupos de dança, poetas, profissionais que trabalham com jovens infratores, com segurança, entre outros.

Para montarmos a cena de Teatro-Fórum foram realizadas reuniões e encontros com os jovens para que eles narrassem as situações vivenciadas em seus cotidianos, que envolvessem a segurança cidadã. Ouvimos muitos relatos de abordagens policiais truculentas, com armas apontadas para a cabeça, desaparecimento de corpos e práticas exacerbadas de violências físicas e psíquicas. Após essa escuta ativa, escolhemos uma situação entre todos aqueles relatos

FIGURA 2 *Até Quando?*
Câmara dos Vereadores
de Belo Horizonte,
2017. Foto: Equipe
de Comunicação da
Gabinetona. (Na foto, da
esquerda para a direita:
Evandro Nunes, Gabriel
Christian, Ed Marte)





que consideramos um retrato mais representativo para os jovens. E, mais do que isso, que pudesse, também, gerar o diálogo e a busca de alternativas para refletir, de forma ativa, sobre essas questões. As intervenções dos jovens deram origem ao espetáculo *Até quando?*, em que uma mãe e um filho estão em um ponto de ônibus e ocorre uma abordagem policial truculenta. Dois atores foram convidados a participar do elenco com o grupo: Hérlen Romão e Gabriel Christian. Os personagens da peça eram: A Mãe, o De Menor, O Sistema, O Poder. Nessa atividade, eu fiz o papel de Curinga.



O FÓRUM

Após a apresentação, era perceptível a sensação de desconforto no plenário da Câmara Municipal. Talvez porque o texto e a cena trouxessem elementos em que, tanto os jovens como os policiais ali presentes, se identificassem. Na primeira intervenção, o *espect-ator* que substituiu o oprimido disse para polícia não bater tanto assim, pois ele também queria se tornar um policial. Essa ação fez com que os personagens “Sistema” e o “Poder” tivessem, em seguida, atitudes um pouco mais respeitadas com o jovem abordado. Outras intervenções ocorreram até que aconteceu o inesperado: a Guarda Municipal ali presente pediu para entrar na cena. Uma das regras do Teatro do Oprimido é que os opressores não podem ser substituídos. No entanto, após um rápido diálogo com a “vereadora” Cida Falabella, permitimos que a Guarda Municipal entrasse em cena. Eles mostraram como é uma abordagem “correta”. No entanto, a abordagem encenada nos pareceu bastante irreal e a plateia reagiu aos gritos: “Não é assim que acontece nos becos, as três horas da manhã!”.

Depois, algo ainda mais inesperado aconteceu: outro guarda municipal substituiu o Oprimido e foi revistado pelo “Sistema” e humilhado pelo “Poder”, respectivamente. O Guarda Municipal comportou-se “adequadamente” segundo eles, não apresentando nenhuma resistência durante a abordagem. Acreditamos, enquanto grupo e comunidade, que a cena de Teatro-Fórum atingiu, nessa intervenção, o seu objetivo: a promoção do diálogo que leva o sujeito a se ver no espelho do outro e, por esse processo, buscar, através do poder da cena e da estética, caminhos e alternativas para mudanças. Portanto, a respeito dessa atividade, concluímos que ela foi produtiva.



Seguimos criando, em outras ocasiões, intervenções estéticas em diálogo com as ações do mandato. Num momento de muitos retrocessos, uma gama de fundamentalistas resolveram “ir censurando” a arte que tenha como tema a diversidade, a sexualidade e a religiosidade. Para combater essas ações, artistas de Belo Horizonte organizaram um ato contra a censura. Então, a partir da imagem de Pietá e de São Sebastião, usando a técnica do Teatro Invisível, o grupo construiu outra intervenção que buscou questionar “o que pode e o que não pode na arte?”. Intitulada de *Censurado!*, a obra foi apresentada no Palácio das Artes, intentando somar forças ao evento, cuja pauta era a manifestação contra a censura em quaisquer áreas de expressões artísticas.

Dando continuidade ao trabalho, na ocasião do brutal assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL/ RJ)¹¹, em março de 2018, criamos uma homenagem em que transformamos a nossa dor em arte, em ação, em manifesto. No interior da Câmara Municipal, no seu principal plenário, fizemos a intervenção “*Mar e Ela!*”. Essa homenagem, organizada pela Gabinetona, além da nossa apresentação contou ainda com diversas manifestações religiosas, étnicas e políticas que se reuniram com o intuito de manter viva a memória da vereadora. A respeito do nosso trabalho, tomamos como procedimentos para a pesquisa de montagem, os canais estéticos palavra, som e imagem, que nos serviram de armas para uma resposta a essa brutalidade, em resposta à injustiça sofrida por uma parlamentar.

¹¹ O assassinato de Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL, foi um crime executado no dia 14 de março de 2018, no Estácio, região central da cidade. Os criminosos estavam em um carro que empalhou com o da vereadora e efetuaram vários disparos, que também mataram o motorista. https://www.google.com.br/search?q=assassinato+de+marielle+Franco&rlz=1C1AFAB_enBR-487BR501&oq=assassinato+de+marielle+franco&aqs=chrome.69i59j734j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acesso em 18/09/2018.



FIGURA 3 *Mar e Ela!*
Homenagem a Marielle Franco. Câmara Municipal de Belo Horizonte, 2018. Foto: Equipe de Comunicação da Gabinetona. (Na foto: AzDiferentonas!)

Nossa mais recente intervenção ocorreu durante o evento *Zona Megafônica: arte, cultura e território*, promovida pela Gabinetona, que reuniu diversos atores da cultura do Brasil. Entre eles, estavam presentes Cecília Boal¹² e Bárbara Santos¹³, representando o Teatro do Oprimido e contribuindo com as nossas ações junto à construção da prática de Teatro Legislativo da Gabinetona. A experiência estética apresentada foi "*Barro, água, purpurina e paetês!*", que, em consonância com os trabalhos da *Zona Megafônica*, materializou a construção de um corpo feito de lama, de ciclo, de brilho e de cor, buscando uma metáfora que dialoga com o ato de não esquecer de onde vem a luta! As nossas principais reflexões para sua criação foram: como se constrói um corpo político, representado e



FIGURA 4 – *Barro, água, purpurina e paetês!* Zona Megafônica. Arte, Cultura e Território. 2018. Foto: equipe de comunicação da Gabinetona. (Na foto, da esquerda para a direita: Gilmara Santos, Evandro Nunes e Avelin Buniacá)

12 Cecília Thumim Boal, nascida em Buenos Aires, trabalhou na década de 1960 como atriz, diretora e roteirista de tv. Em 1966 incorpora o elenco do Teatro de Arena de São Paulo, participando de vários espetáculos no Brasil e noutros países. Em 1982 finaliza estudos de Psicologia na Sorbonne (Paris VII). É psicanalista e atriz. Preside ao Instituto Augusto Boal, criado em 2010. <<https://oprima.wordpress.com>> Acesso em 19/09/2018.

13 Bárbara Santos trabalhou duas décadas com Augusto Boal como coordenadora do Centro de Teatro do Oprimido, na concepção e desenvolvimento do Teatro Legislativo e da Estética do Oprimido. Desde 2009, vive na Alemanha, onde é diretora artística de KURINGA, espaço para o Teatro do Oprimido em Berlim. Difusora do Teatro das Oprimidas, inovadora experiência estética sobre opressões enfrentadas por pessoas socializadas como mulheres, é diretora artística da Rede Ma(g)



CAD.
GIPE
CIT
Salvador
ano 22
n 40
p 141-154
2018.1

democrático? Mais uma vez nos referenciamos aos corpos diversos a que o mandato da Gabinete na busca representar. Desse modo, esculpimos um “corpo de barro”, masculino, sendo entalhado por três mulheres: uma branca, uma negra e uma indígena, representando a diversidade e a força criadora das mulheres.

Seguimos criando intervenções em Belo Horizonte, participando de eventos nacionais e internacionais relacionados ao Teatro do Oprimido, com a finalidade de refletirmos e criarmos as nossas práticas contemporâneas no Teatro Legislativo. Nossas atividades, tanto de formação quanto de divulgação e multiplicação, perpassam seminários (LECA, UFMG/ 2018), Jornadas Internacionais de TO (UNIRIO/2017), Fórum Social Mundial (Salvador/2018) além de intervenções incisivas na sociedade civil. Ainda que tenhamos a legislatura de Augusto Boal como principal influência do nosso trabalho, nos é ciente de que não iremos reproduzir o que foi o Teatro Legislativo em seu mandato, que se deu ao longo dos anos 1993 e 1997. Por outro lado, a vertente criadora e expansiva do Teatro do Oprimido, como tem acontecido ao redor do mundo, aponta para a possibilidade de construirmos as nossas práticas com os nossos corpos e nossas conjunturas sociais e políticas, além de entendermos que, assim como o próprio Teatro do Oprimido, criado por Boal, nosso trabalho é também um processo em construção e criação contínuo.

dalena Internacional.
<https://www.travessa.com.br/teatro-do-oprimido-raizes-e-asas-uma-teoria-da-praxis/artigo/9c059fe-8-322d-4353-a35c-60570a9b8835>. Acesso em 20/09/2018.



1
5
2

MULTIPLICAÇÃO: TO NA CIDADE!

Um dos nossos principais objetivos no grupo *AzDiferentonas!* é formar e potencializar multiplicadores de Teatro do Oprimido na Cidade de Belo Horizonte. Em consonância com as nossas práticas estéticas, realizamos um convite aberto à população para participar do nosso processo de formação, intitulado “*TO na Cidade!*”. Criamos um vídeo apresentando o grupo e, ao mesmo tempo, fazendo um chamamento público para atores e não atores que tivessem interesse em desenvolver ações relacionadas ao Teatro do Oprimido, em março de 2017. Para esse primeiro núcleo de formação, recebemos 359 (trezentas e cinquenta e nove) inscrições para 20 (vinte) vagas.



O processo seletivo baseou-se nas referências dos inscritos no que diz respeito à correspondência e à pluralidade das lutas por eles empreendidas em suas atuações cotidianas e fossem consonantes com as questões inerentes ao mandato da Gabinetona, que são: o compromisso com os direitos humanos, com a cultura, com o direito à cidade, à diversidade de gênero, entre outros. Além disso, agregamos agentes de ocupações urbanas, integrantes do MST (Movimento dos Sem Terra), grupos de teatro das periferias de Belo Horizonte, entre outras lutas. Os multiplicadores selecionados passaram por uma formação/ sensibilização em Teatro do Oprimido que se deu em doze encontros semanais de três horas cada, de abril a julho de 2018.



FIGURA 5 – Cena realizada pelos multiplicadores do “TO na Cidade!” 2018. Foto: Equipe de Comunicação da Gabinetona.



AzDiferentonas! e o mandato da Gabinetona seguem com a proposta de conectar e potencializar as ações dos multiplicadores do TO na Cidade! Além da formação de novos núcleos de multiplicadores. O nosso objetivo é que, mesmo após o encerramento do mandato, as ações com o Teatro do Oprimido sigam multiplicando-se e atuando em diversas lutas na cidade. No que diz respeito ao trabalho com o Teatro Legislativo, seguimos com a proposta de que intervenções dos



grupos oriundos desse trabalho possam ser apresentadas ao Legislativo, através do mandato e que, além disso, possa incitar o eleitor para tornar-se de fato legislador com participação efetiva na ação política da cidade através da arte.

Buscamos, através do Teatro do Oprimido, construir ensaios para a revolução e uma participação na política institucional de forma efetiva. Acreditamos que a emancipação do sujeito praticante do Teatro do Oprimido é obtida pelas “cotidianização da revolução”, ou seja, a partir de ações concretas e continuadas, que se dão a partir das experiências com o Teatro do Oprimido.



REFERÊNCIAS

- » BOAL, Augusto. **Teatro Legislativo**. Versão Beta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- » _____. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- » _____. **Jogos para atores e não atores**. 10ª edição rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.
- » CHIARI, Gabriela Serpa. **Laboratório Madalenas**: inovação pedagógica para o gênero feminino. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2013.
- » SANTOS, Bárbara. **Teatro Do Oprimido**. Raízes e Asas: uma teoria da Praxis. 1º ed. Rio de Janeiro. Ibis Libris, 2016.
- » TURLE DA SILVA, Noeli. **Teatro legislativo e racismo**: arte, política e militância. Repertório, Salvador, ano 20, n.29, p.160-176, 2017.2